

---

## IMIGRAÇÃO, FUGA, EXÍLIO: DESLOCAMENTOS ESPACIAIS E TEMPORAIS DE GOTTFRIED E AMIR NO ROMANCE ‘O IDIOTA DO SÉCULO XXI: UM DIVÃ’, DE MICHAEL KLEEBERG

Elcio Loureiro Cornelsen<sup>1</sup>

**Resumo:** Nossa contribuição visa a uma análise do capítulo “Gottfried e Amir”, do romance *O idiota do século XXI: um divã* (título original: *Der Idiot des 21. Jahrhunderts: ein Divan*), do escritor alemão Michael Kleeberg, publicado em agosto de 2018. No referido capítulo, espacialidades e temporalidades que envolvem as duas personagens – Gottfried e Amir – são fluidas, de modo que os deslocamentos espaciais e temporais são construídos a partir de uma cena inusitada, bem ao gosto da liberdade ficcional: o diálogo entre um imigrante alemão do século XIX e um refugiado sírio do século XXI. Numa espécie de espelhamento das trajetórias, das dificuldades e dos infortúnios desses deslocados, Michael Kleeberg oferece ao leitor a oportunidade de refletir sobre as ondas migratórias em plena globalização sob a égide do capitalismo, que, para muitos, implica vivências traumáticas de imigração, fuga e exílio, em uma vida “hifenizada”, como, certa vez, postulou o crítico e teórico Anatol Rosenfeld.

**Palavras-chave:** *Der Idiot des 21. Jahrhunderts*; Michael Kleeberg; Imigração; Globalização; exílio.

**Abstract:** Our contribution aims at an analysis of the chapter “Gottfried and Amir”, of the novel *The Idiot of the 21st Century: a Divan* (title in German: *Der Idiot des 21. Jahrhunderts: ein Divan*) by the German writer Michael Kleeberg, published in August 2018. In that chapter, spatialities and temporalities involving the two characters – Gottfried and Amir – are fluid, so that spatial and temporal displacements are constructed from an unusual scene, much to the liking of fictional freedom: the dialogue between a nineteenth-century German immigrant and a twenty-first-century Syrian refugee. In a kind of mirroring of the trajectories, difficulties and misfortunes of these displaced persons, Michael Kleeberg offers the reader the opportunity to reflect on the migratory waves in full globalization under the aegis of capitalism, which, for many, implies traumatic experiences of immigration, escape and exile, in a “hyphenated” life, as he once posited the critic and theorist Anatol Rosenfeld.

**Keywords:** *The Idiot of the 21st Century*; Michael Kleeberg; Immigration; Globalization; Exile.

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais na área de Língua e Literatura Alemã. Doutor em Estudos Germanísticos pela Freie Universität Berlin, Alemanha. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

*Eu nunca me darei por satisfeito de que nós devamos ser impedidos de nos tornarmos humanos.*<sup>2</sup>

(Michael Kleeberg)

## PARA ALÉM DA “LITERATURA DE IMIGRANTES”

No espaço deste artigo, versaremos sobre o romance *O idiota do século XXI: um divã* (título original: *Der Idiot des 21. Jahrhunderts: Ein Divan*), do escritor alemão Michael Kleeberg, publicado em agosto de 2018. As doze histórias que compõem o romance – e que são rotuladas de “Livros” (*Bücher*) – apresentam as trajetórias de pessoas sob a égide da globalização, na qual temas como imigração, religião e capitalismo desempenham um papel preponderante. Em especial, será enfocada uma dessas histórias, intitulada “Gottfried e Amir” (KLEEBERG, 2018, p. 386-396), que integra o décimo “Livro” do romance, intitulado “Livro do exílio ocidental” (*Buch des westlichen Exils*), e que também recebe, como todos os outros “Livros”, o título correspondente em Árabe original e transliterado (*Ghorbat dar Gharb Nameh*). Na história em questão, as personagens que lhe dão título – um imigrante alemão do século XIX e um refugiado sírio do século XXI, numa cena inusitada, bem ao gosto da liberdade ficcional de fantasiar no domínio das representações mentais (MARINHO, 2009, p. 21), dialogam sobre suas vivências traumáticas de imigração, fuga e exílio.

De início, cabe ressaltar que, mesmo que Michael Kleeberg seja um escritor alemão sem retrospecto de imigração, pela temática do presente artigo, seria de se esperar que versássemos também sobre *Migrantenliteratur*, um gênero destacado da literatura contemporânea de língua alemã, que conta com vários escritores e escritoras de destaque, entre eles, Wladimir Kaminer, Emine Zevgi Özdamar, Şinasi Dikmen, Zsuzsa Bánk, Feridun Zaimoğlu, Herta Müller, Rafik Schami e Terézia Mora.

Em geral, no contexto alemão, costuma-se definir “Literatura de Imigrantes” como sendo aquela composta por obras, cujos autores sofreram uma mudança profunda em termos de cultura e, principalmente, de língua. A maioria deles adotou o Alemão como língua literária, alguns, de modo mais natural, como é o caso de Herta Müller, imigrante romena pertencente a uma comunidade alemã minoritária em seu país de origem, ou mesmo Feridun Zaimoğlu, que nasceu na Turquia em 1964 e emigrou juntamente com os pais para a Alemanha quando ainda era um bebê de colo. Outros, em contrapartida, tornaram a língua do novo país de adoção o instrumento de sua expressão literária, como são os casos dos escritores Şinasi Dikmen, nascido em 1945 na cidadezinha de Çakırgümüş, na Turquia, e emigrado para a Alemanha Ocidental em 1972, e de Wladimir Kaminer, nascido em Moscou no ano de 1967, que chegou à Alemanha em pleno processo de reunificação do país, em 1990.

Por assim dizer, seus romances, contos e poemas são marcados pela exofonia, termo que, de acordo com Lúcia Collischonn de Abreu, assim seria etimologicamente definido: “exofonia, do grego ἔξω, éxō, ‘fora, externo’ e φωνή, fōnē, ‘som, voz’, é um termo que vem

<sup>2</sup> Michael Kleeberg, em discurso de agradecimento ao Prêmio Literário da Fundação Konrad Adenauer, em 11 de junho de 2016 (apud GAMRADT, 2016). Tradução própria: *Ich werde mich nie damit abfinden, dass wir daran gehindert werden sollen, Menschen zu werden.*

sendo recentemente utilizado para se referir aos autores que escrevem em uma língua além de seu idioma materno” (ABREU, 2017, p. 53). Esse aspecto, por exemplo, nos permitiria especular se, ao falarmos de “Literatura de Imigrantes”, não estaríamos falando também de um discurso “transnacional” ou mesmo “pós-nacional”, uma vez que as obras pertencentes a esse gênero se constituiriam, primeiramente, em seu modo de escrita, e não se vinculariam, necessariamente, às categorias intrínsecas de língua materna e de pátria dos respectivos autores e autoras.

Não devemos, todavia, nos esquecer de que, *grosso modo*, nunca houve uma “monocultura pura” em relação ao âmbito de fala alemã, fato que se refletiu também na produção literária, em especial nas obras de escritores como o franco-alemão Adelbert von Chamisso no século XIX, o judeu-tcheco-austro-húngaro Franz Kafka na passagem do século XIX para as primeiras décadas do século XX, bem como os judeus austríacos Elias e Veza Canetti dos anos 1920 aos anos 1960, entre outros.

Com relação ao histórico da “Literatura de Imigrantes” na Alemanha, esta conheceu uma primeira fase a partir dos anos 1970, a chamada “Literatura dos Trabalhadores Convidados” (em Alemão: *Gastarbeiterliteratur*), que retratava, sobretudo, a vida e o ambiente de trabalhadores que emigraram para a Alemanha nos anos 1960 e 1970, principalmente portugueses, espanhóis, gregos, italianos, iugoslavos, libaneses e turcos. Entre os representantes dessa Literatura, encontramos nomes como Aras Ören, Yüksel Pazarkaya, Franco Biondi, Jusuf Naoum, Suleman Taufiq, Habib Bektas, Rafik Schami e Gino Chiellino. Muitos dos textos dessa primeira fase tratavam da relação dialética entre terra de origem e terra estrangeira, bem como das mudanças culturais e linguísticas decorrentes do processo de imigração, e também das conformações da sociedade alemã, que, na época, oferecia pouca abertura à “multiculturalidade”.

Entretanto, dois autores alemães, cujo perfil não se enquadrava no padrão de imigração, também se tornaram expoentes da “Literatura dos Trabalhadores Convidados”: os escritores Max von der Grün, com obras como *Pessoas na Alemanha* (no original: *Menschen in Deutschland*; 1973) e *Vida na Terra Prometida* (no original: *Leben im gelobten Land*; 1975), e Günter Wallraff, autor do best-seller *Ganz unten* (1985), que recebeu o título de *Cabeça de Turco* (1988) na edição brasileira.

Enquanto a “Literatura dos Trabalhadores Convidados” se associava a um determinado ambiente social, principalmente em relação às cidades do vale do rio Ruhr, região de extração de carvão e de produção de aço, onde se concentrava a indústria pesada alemã, ou também de Berlim Ocidental, a partir de meados dos anos 1980, surgiram escritores e escritoras que representavam uma nova tendência, a da chamada “Literatura de Estrangeiros”, ou *Ausländerliteratur*. Sem dúvida, uma de suas expoentes é a escritora, atriz e diretora de teatro Emine Sevgi Özdamar, nascida em Malatya, na Turquia, em 1946, que emigrou para a Alemanha Oriental em 1976, onde viveu até 1978, quando se transferiu para Paris e Avignon, e seguindo, desta vez, no ano seguinte, para Bochum, na Alemanha Ocidental. Além dela, autores que precisaram deixar seus países da Europa Central e Oriental por motivos políticos engrossaram as fileiras da “Literatura de Estrangeiros”, entre outros, os tchecos Ota Filip e Libuše Moníková, os húngaros Zsuzsanna Gahse e György Dalos, bem como Herta Müller e Richard Wagner, ambos nascidos na Romênia.

Além disso, escritores e escritoras oriundos da Ásia, da África e da América Latina também se destacaram como representantes da “Literatura de Estrangeiros”, entre outros, o poeta iraniano Cyrus Atabay e a escritora japonesa Yoko Tawada, o sírio Adel Karasholi e o mongol Tuwine Galsan Tschinag, o brasileiro Zé do Rock e a argentina María Cecilia Barbetta.

Com o surgimento de escritores e escritoras pertencentes à segunda ou à terceira geração de imigrantes, buscando cada vez mais escapar da relação conflituosa entre integração e exclusão, a “Literatura de Imigrantes” parece que vem sendo, gradativamente, absorvida pela Literatura Alemã. Autores como Zafer Çenocak, nascido na Turquia em 1961, José F.A. Oliver, nascido em 1961 em Hausach, na Alemanha Ocidental, de origem espanhola, e a escritora Zehra Çirak, nascida em 1960 na cidade de Istambul, na Turquia, preferem não ser vistos nem como estrangeiros, nem como alemães. Aparentemente, esses escritores assumem uma vida “hifenizada”, como certa vez o crítico e teórico de teatro teuto-brasileiro Anatol Rosenfeld se referiu a Franz Kafka como sendo o “grande autor tcheco-judeu-austro-alemão que nunca conseguiu superar as amarguras de uma existência tão duramente hifenizada” (ROSENFELD, 1985, p. 251), enquanto o universo do célebre autor de obras como *A metamorfose*, *O Processo* e *O Castelo* seriam “Praga e o misterioso mundo autro-húngaro-tcheco-boêmio-alemão da monarquia habsburga, isto é, dos ‘vizinhos’” (ROSENFELD, 1985, p. 247).

Além disso, o escritor alemão de origem turca Feridun Zaimoğlu, com sua famosa obra *Língua kanak: 24 tons desafinados da margem da sociedade* (no original: *Kanak Sprach: 24 Mißtöne vom Rande der Gesellschaft*) lançou uma palavra de ordem – *kanak sprach* – que representa uma geração inteira de jovens turco-alemães, os quais, da mesma forma que a escritora Yadé Kara, nascida na Anatólia em 1965 e que cresceu em Berlim, e os escritores Selim Özdoğan, filho de pais turcos, nascido em 1971 na cidade de Colônia, e Imran Ayata, igualmente filho de pais turcos, nascido na cidade de Ulm, no estado de Baden-Württemberg, em 1969, se percebem como representantes literários de uma cultura híbrida.

Escritores e escritoras nascidos após 1970, com retrospecto de imigração, desenvolveram diversos estilos de escrita literária pautados pela diversidade cultural, num arco de possibilidades que vai da confrontação cultural ao questionamento frente a conceitos como o de “integração”. As representações literárias do processo migratório, por exemplo, como as encontradas em textos de Eleonora Hummel, nascida em 1970 na cidade de Astana, no Cazaquistão, como no romance *Em boas mãos, em uma bela terra* (no original: *In guten Händen, in einem schönen Land*; 2013) e de Marica Bodrožić, nascida em 1973 na cidade de Svib, na Croácia, como no romance *A água de nossos sonhos* (no original: *Das Wasser unserer Träume*; 2016), atualmente, são apenas uma das muitas maneiras de contribuir para a Literatura de Imigração na contemporaneidade.

Por assim dizer, de um modo geral, encontraríamos certa ressonância na chamada “Literatura de Imigrantes” com aquele viés proposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari ao interpretarem a obra de Franz Kafka como sendo representante de uma “literatura menor” em uma “literatura maior”: “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 25). A tal processo Deleuze e Guattari atribuem o termo “desterritorialização”. É certo que vários

autores e autoras da chamada “Literatura de Imigrantes” não viveram ou vivem, necessariamente, como representantes de grupos minoritários. Todavia, estabelecem uma relação de “desterritorialização” da própria Literatura Alemã, em que noções como pátria, fronteira, terra natal, identidade e cultura são cada vez mais questionadas, mesmo que ainda surjam, atualmente, em vários pontos do globo aqueles que procuram revigorá-las sob a bandeira da discriminação, do racismo e da xenofobia, na crença de poderem conservar algo que não mais existe, se é que existiu algum dia, como “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 1983, p. 7) a partir de “tradições inventadas” (HOBSBAWM, 1983, p. 3): sociedades étnica e culturalmente uniformes e estáveis.

A seguir, versaremos sobre o romance *Der Idiot des 21. Jahrhunderts: Ein Divan* como possibilidade de diálogo temático com a “Literatura de Imigração”, não obstante o fato de seu autor não possuir retrospecto de imigração, conforme mencionado anteriormente.

## O ROMANCE DE MICHAEL KLEEBERG – DESLOCAMENTOS ESPACIAIS E TEMPORAIS

Certamente, movimentos migratórios ocorridos nos últimos anos têm mantido o tema na ordem do dia, não apenas no âmbito político e social, mas também na atenção com que escritores e escritoras têm se dedicado a ele. Sem dúvida, o mundo globalizado atravessa um momento de incertezas e de rearranjos geopolíticos, cujas consequências ainda são imprevisíveis, sem que se saiba quais sequelas deixarão para as sociedades. E isso se deve ao fato de que, segundo Bógus & Silva (2017, p. 35), “[o] projeto de uma ampla liberdade mundial naufragou sem ter ao menos começado, pois em menos de 20 anos da significativa queda do muro de Berlim, o mundo possuía quatro vezes mais fronteiras fortificadas em relação à década de 1980”. Se, por um lado, “[c]om a globalização, as migrações internacionais atingiram novas origens, destinos e rotas, potencializados pela redução dos custos dos transportes e pela facilidade na obtenção de informações”, por outro, “[a]s fronteiras ficaram, sim, mais permeáveis, mas apenas para aqueles não classificados como refugio humano, que podem ser descartados a qualquer momento” (BÓGUS; SILVA, 2017, p. 35).

Nesse sentido, decidimos por selecionar o romance *O idiota do século XXI: um divã* (título original: *Der Idiot des 21. Jahrhunderts: Ein Divan*), do escritor alemão Michael Kleeberg, publicado em agosto de 2018. O aspecto motivador de tal escolha foi um capítulo em especial, “Gottfried und Amir” (“Gottfried e Amir”), no qual o escritor proporciona ao leitor uma reflexão sobre a imigração que ocorre no presente a partir do olhar para o passado. Tal postura parece reverberar uma das máximas de Walter Benjamin: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

Esse é, pois, o gesto de Michael Kleeberg no romance *O idiota do século XXI: um divã*. Agraciado com vários prêmios que atestam a qualidade literária de suas obras, entre eles, o Prêmio Anna Seghers (1995), o Prêmio Lion Feuchtwanger (2000), o Prêmio Literário Evangélico (2011), o Prêmio Hölderlin (2015) e o Prêmio Literário da Fundação Konrad Adenauer (2016), o escritor, nascido na cidade de Stuttgart em 1959, é reconhecido por

sua defesa dos Direitos Humanos, de um Estado de Bem Estar Social, e também do que ele chama de “moral dos primeiros socorros” (*Moral der ersten Hilfe*). Aspectos e estações de sua biografia nos permitem tirar algumas conclusões sobre seu olhar para a imigração: Michael Kleeberg viveu por longo período no Exterior, precisamente em Amsterdã, Roma e Paris, de 1986 a 1996, até se fixar em Berlim, onde vive até hoje como escritor, ensaísta e tradutor do Inglês e do Francês (BIRGFELD; SCHÜTZ, 2014, p. 7). Além disso, participou de um programa bilateral entre escritores do Líbano e da Alemanha, designado de “Divã Ocidental-Oriental” (*West-Östlicher Divan*), que resultou numa visita de quatro semanas ao escritor libanês Abbas Beydoun, em Beirute, e na obra *O animal que chora – Diário de Viagem Libanês* (*Das Tier, das weint: Libanesisches Reisetagebuch*; 2004). Seu trânsito entre países, culturas e idiomas, certamente, contribuiu para que ele, por vezes, se visse na condição de estrangeiro.

Por assim dizer, ao lidar com temas históricos e contemporâneos em seus romances, Michael Kleeberg constrói “contra histórias” que auxiliam na construção de uma “outra” memória que não aquela veiculada pela história oficial. Mais uma vez, podemos pensar na reverberação de outra máxima benjaminiana:

[...] Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1994, p. 225)

De certo modo, o que Michael Kleeberg faz no capítulo “Gottfried e Amir” é, justamente, “escovar a história a contrapelo”, no sentido de poder produzir um retrato da atualidade da migração de refugiados na Europa a partir de uma observação aguçada da sociedade contemporânea em relação ao passado de imigração de alemães para a América. Definido pela crítica como um “pensador europeu da liberdade e observador politicamente atento” (*ein politisch wachsamer, europäischer Denker der Freiheit*), o escritor é considerado um “representante e defensor incisivo de uma literatura relevante e atemporal, esteticamente ambiciosa e eticamente engajada” (BIRGFELD; SCHÜTZ, 2014, p. 12).<sup>3</sup>

Em um diálogo com Michael Braun, coordenador da Divisão de Literatura da Fundação Konrad Adenauer, em 2016, Michael Kleeberg assim definiu a situação crítica em que o mundo globalizado e, em especial, a Europa vivem na atualidade: “Uma primeira consequência é o fortalecimento de tendências e partidos identitários e nacionais de direita em toda a Europa. Um perigo possível é a simplificação do problema, como pregam populistas a lá Donald Trump” (KLEEBERG, 2016, p. 78).<sup>4</sup>

3 Tradução própria. No original:

[...] dezidierter Vertreter und Verteidiger des Modells einer entschieden ästhetisch ambitionierten und ethisch engagierten, überzeitlich relevanten Literatur.

4 Tradução própria. No original:

Eine erste Konsequenz ist das Erstarken identitärer bis rechtsnationaler Parteien und Strömungen in ganz Europa. Eine mögliche Gefahr ist die Vereinfachung des Problems, wie Populisten à la Donald Trump sie predigen.

Inspirado na obra *Divã Ocidental-Oriental* (*West-östlicher Divan*; 1819), de Johann Wolfgang von Goethe, galeão da Literatura Alemã, que contém igualmente uma divisão em 12 “Livros” – entre outros, “Livro do cantor” (*Buch des Sängers; Moganni Nameh*), “Livro do amor” (*Buch der Liebe; Ushk Nameh*), “Livro Suleika” (*Buch Suleika; Suleika Nameh*), “Livro das parábolas” (*Buch der Parabeln; Mathal Nameh*) e “Livro do Paraíso” (*Buch des Paradieses; Chuld Nameh*) (GOETHE, 1819) – o romance de Michael Kleeberg, em certo sentido, aborda essa questão sensível de nossos dias, ao apresentar um mundo com deslocamentos entre oriente e ocidente, emigrantes e imigrantes refugiados, *outsiders* que buscam pela sorte e/ou por sobrevivência em outros lugares distantes da terra natal. A constelação de personagens no romance é muito rica: Maryam, uma cantora iraniana que deixa seu país por ser proibida de cantar, no “Livro do cantor” (*Buch des Sängers; Moghanni Nameh*); Younes, um pastor libanês, no “Livro dos três amores” (*Buch der drei Lieben; Se Eschgh Nameh*); Kadmos, um poeta, no “Livro da doação” (*Buch des Schenken; Saghi Nameh*), entre outros, sujeitos que se viram impelidos a deixar suas terras de origem. As cenas se passam na Alemanha, no Iran, no Líbano e no reino imaginário.

É justamente neste último espaço, o do reino imaginário, que transcorre a cena dialógica entre as personagens Gottfried e Amir. Ambos parecem ter sido talhados pelo escritor como reversos simétricos de uma mesma medalha: a da imigração, perpassada pela fuga e pelo exílio em que se veem enredados. O inusitado do diálogo se revela tanto no espaço – o do imaginário –, quanto no tempo: enquanto o alemão Gottfried emigrara para a América em meados do século XIX, Amir deixara a Síria rumo à Europa na segunda década do novo milênio, acabando por se fixar na Alemanha. A motivação que levou ambos a se deslocarem é a mesma: a tentativa de escapar ao serviço militar. Todavia, não era a única: Gottfried e a família passavam fome na aldeia de Hauenstein (*Häaschde*, em dialeto); com estiagens e perda de produção na lavoura, tiveram que vender as terras (KLEEBERG, 2018, p. 386); Amir e sua família corriam risco de serem atingidos por balas perdidas toda vez que saíam de casa, na aldeia de Khabab, ao sul da capital síria Damasco. Ficavam sob fogo cruzado entre o exército sírio e a milícia islâmica (KLEEBERG, 2018, p. 387).

A simetria na construção das personagens também se reflete na idade que tinham quando emigraram – 21 anos –, Gottfried na primavera de 1845, casado e pai de um garoto e de uma garotinha recém-nascida; Amir na primavera de 2015, solteiro, fugira em companhia do irmão mais velho. Outro ponto em comum é o das perdas na odisseia de emigração, fuga e exílio: Amir perdera o irmão, mas, pouco depois, pode receber os pais e a irmã são e salvos; Gottfried perdera a esposa no caminho, vítima de varíola, chegando ao destino na companhia dos dois filhos pequenos, mas casou-se novamente, um ano mais tarde, já na América, com uma jovem viajante, mãe solteira, que conhecera no navio, a qual também perdera o filho recém-nascido na travessia do Atlântico, e que fora amável com as crianças, em especial com a recém-nascida, pois pode amamentá-la e salvá-la das agruras da travessia marítima.

As migrações internacionais de Gottfried e Amir guardam semelhanças, não obstante situarem-se em períodos e espaços distintos: Gottfried pertence àquele fluxo migratório apontado por Bógus & Silva (2017, p. 38) como “a maior imigração de povos observada até então na História”, quando “entre 1846-1875, mais de 9 milhões de pessoas deixaram a

Europa”. Já Amir pertence à fase que Bógus & Silva (2017, p. 38) classificam como “movimentos migratórios contemporâneos, notadamente dos que fogem de conflitos e da miséria, sem garantias mínimas de que chegarão sequer com vida nos destinos que objetivam”. A personagem do romance representa um daqueles milhões de refugiados que tiveram de deixar a Síria, quando, segundo Roberto de Almeida Luquini (2017, p. 115), “[o] número de refugiados, no âmbito mundial, ultrapassou a cifra de 21 milhões de pessoas, sendo mais de cinco milhões apenas na Síria. Desde que teve início, o conflito sírio já gerou mais de 11,5 milhões de refugiados e de deslocados internos”.

Todavia, as similaridades nas trajetórias de Gottfried e Amir não param por aí: a saga do primeiro passa por algumas estações – juntamente com outras famílias da aldeia de Hauestein, Gottfried rumou para Hannoversch Münden, a pé e de carroça, incentivado por aliciadores a emigrar para a América, terra da “liberdade” e do “trabalho”, onde haveria “carne e pão branco, todos os dias” (KLEEBERG, 2018, p. 390).<sup>5</sup> Todos que deixaram a aldeia se juntariam a outros grupos de emigrantes e tomaram, primeiro, o navio Adelheid rumo ao Porto de Bremen e, de lá, um veleiro rumo ao porto da Filadélfia, gente de várias partes da Liga Alemã, de Württemberg, da Baviera, de Baden, Pfalz, Nassau, da Prússia e da Saxônia, que se comunicavam numa “Babel” de dialetos, 84 pessoas apinhadas no convés da embarcação, durante três longos meses no mar (KLEEBERG, 2018, p. 390-391); a saga do segundo passa por estações semelhantes: ao invés de confinado em embarcação, Amir e o irmão seguiram de ônibus para o Líbano e, de lá, tomaram um avião para a Turquia; em seguida, tomaram um barco rumo à Ilha de Rhodes, que quase afundou e foi resgatado pela marinha grega, a qual conduziu os sobreviventes a Atenas (KLEEBERG, 2018, p. 391-392); de lá, os irmãos seguiram de ônibus para a fronteira da Macedônia, cruzaram-na a pé, ilegalmente, rumo à Sérvia, e tomaram um trem para Belgrado; Amir, seu irmão e outras pessoas combinaram com um traficante de refugiados que se esconderiam em uma floresta e, à noite, seriam levados em uma van, com 30 pessoas, rumo à Áustria, o que lhes custaria dois mil euros por cabeça; todavia, já em território austríaco, a van foi interceptada pela polícia e, na tentativa de fuga do motorista, o veículo colidiu contra uma árvore, vitimando o irmão de Amir; por quatro dias, Amir ficou detido na Áustria, mas pode seguir para a Alemanha, onde pretendia pedir asilo, e onde, finalmente, foi acolhido em um alojamento para refugiados (KLEEBERG, 2018, p. 394-395).

Além de toda a odisseia de emigração, fixar-se na nova terra também não foi nada fácil para ambos: Gottfried trabalhara durante quatro anos em obras no porto de Filadélfia, sem falar Inglês, e nem mesmo Alemão padrão, pois se comunicava em dialeto; em seguida, transferiu-se para a cidade de Pittsburg, onde a oferta de trabalho era maior e ele pode encontrar condições favoráveis para se fixar, como operário de uma fábrica de locomotivas; após todas as agruras na tentativa de fugir da Síria e encontrar refúgio na Alemanha, finalmente, Amir foi registrado, recebeu dinheiro e roupa, além de ter recebido a oferta de prosseguir com a formação acadêmica na área de Economia.

Entretanto, nem a América, nem a Alemanha se concretizaram para ambos como a

<sup>5</sup> Tradução própria. No original:

„Fleisch und Weißbrot jeden Tag.“



Terra Prometida: como diz Gottfried, “[m]as nada foi fácil para mim, e nunca vi a aurora do paraíso do Novo Mundo” (KLEEBERG, 2018, p. 395-396);<sup>6</sup> e o jovem Amir, estudante de Economia na Síria, procurava retomar a vida na Alemanha, mas ainda dependia da burocracia de imigração: segundo Amir, “[m]as, para ingressar, eu preciso, aliás, de uma permissão de permanência no país, e eu ainda não a recebi. Meus pais, que chegaram depois de mim, já receberam uma permissão, e eu, não” (KLEEBERG, 2018, p. 396)<sup>7</sup>. Como bem nos lembra Teresa Cierco (2017, p. 12), “[a]s migrações internacionais [– como são as de Gottfried e, respectivamente, Amir –] para além das variáveis espaço, tempo e sociabilidades, têm outro factor a assinalar, a questão política”. É esta, aliás, que Amir e outros refugiados enfrentam na contemporaneidade, sempre dependentes de políticas públicas humanitárias nos países que os acolhem.

Sentados lado a lado em um banco, em um espaço imaginário não definido, as personagens Gottfried e Amir também dialogam sobre a dor que sentiram pelas perdas:

*Amir* – A gente sempre acredita que uma dor dessas levaria à morte. Mas não se morre. Notável. Uma dor tão louca ou esperanças destruídas, e mesmo assim a gente segue vivendo.

*Gottfried* – E o mais notável de tudo, amigo Amir, é que a gente acaba esquecendo a dor. Bem, na verdade, a gente não a esquece totalmente. Mas ela empalidece. Depois de alguns anos, a gente precisa se concentrar na lembrança para ser capaz ainda de senti-la.

*Amir* – Mas algumas vezes, depois de muitos anos, acontece alguma coisa, um acaso, uma frase, uma imagem, e a dor volta com toda força e te dilacera. Às vezes, a mim só a fé continuou me ajudando [...] (KLEEBERG, 2018, p. 387)<sup>8</sup>

Nota-se, no final do diálogo, evidencia-se o entendimento entre os dois, o cristão Gottfried, cujo nome significa, literalmente, “Paz de Deus”, e o muçulmano Amir, que se ape-

6 Tradução própria. No original:

„Aber leicht wurde mir nichts, und die Morgenröte des Paradieses der neuen Welt habe ich nie gesehen.“

7 Tradução própria. No original:

„Um die anzutreten, brauche ich allerdings eine Aufenthaltsbewilligung, und die habe ich noch nicht bekommen. Meine Eltern, die später kamen als ich, haben eine, aber ich nicht.“

8 Tradução própria. No original:

„Man glaubt immer, so ein Schmerz müsse einen auch sterben lassen. Aber man stirbt nicht. Merkwürdig. So ein irrsinniger Schmerz oder zerstörte Hoffnungen, aber man lebt weiter.“

„Und das Merkwürdigste, Freund Amir, ist, dass man den Schmerz vergisst. Also man vergisst ihn nicht wirklich. Aber er verblasst. Und irgendwann, nach Jahren, muss man sich auf die Erinnerung daran richtiggehend konzentrieren, um ihn noch zu empfinden.“

„Aber manchmal passiert auch nach Jahren irgendetwas, irgend ein Zufall, ein Satz, ein Bild, und er ist wieder mit voller Gewalt da und zerreißt dich. Mir hat manchmal nur der Glaube weitergeholfen. [...]“

garam à fé nos momentos difíceis de suas jornadas:

*Gottfried* – Eu desejo que você receba uma permissão, irmão Amir. E que Deus te proteja e auxilie!

*Amir* – Eu te agradeço, meu irmão, E que Deus, o Misericordioso, te dê tua paz. (KLEEBERG, 2018, p. 396)<sup>9</sup>

Portanto, no capítulo “Gottfried und Amir”, do romance *Der Idiot des 21. Jahrhunderts*, observa-se algo semelhante a o que Ottmar Ette (2018, p. 16) designa de “dinâmicas transreais”: “um saltar constante entre lugares e tempos, sociedades e culturas”, frente a “fenômenos de descolamento e heterotopia”.

### POR UMA ÉTICA DA FRATERNIDADE NO INFORTÚNIO DE EMIGRAÇÃO, FUGA E EXÍLIO – A GUIA DE CONCLUSÃO

Enfim, ao construir as sagas de emigração, fuga e exílio de Gottfried e Amir, Michael Kleeberg procura reverberar o passado no presente, oferecendo ao leitor uma oportunidade de reflexão sobre o próprio esquecimento de que alemães também já foram emigrantes, refugiados, exilados, e que se viram, portanto, em situações semelhantes como aqueles que, na atualidade, acorrem a seu país, como diz Gottfried, em busca de “encontrar algo melhor do que a morte” (KLEEBERG, 2018, p. 391).<sup>10</sup> Como bem nos lembra Teresa Cierco (2017, p. 13),

[a] saída do seu próprio país e a necessidade de procurar refúgio noutra lugar, implica que não tem outra alternativa. Para alguns tornar-se refugiado representa o último ato de um longo período de incerteza, que surge só depois de terem falhado todas as outras estratégias de sobrevivência. [...]

Nesse sentido, mais uma vez, destaca-se o componente ético que perpassa o romance *Der Idiot des 21. Jahrhunderts* e, em especial, o capítulo focado neste breve estudo, “Gottfried und Amir”, evidenciado em sua estrutura dialógica, que subverte as temporalidades e os espaços, para alçar a um plano imaginário que permite reunir as personagens e estabelecer entre elas um reconhecimento de uma espécie de fraternidade no infortúnio. O ato de reconhecer o Outro advém dessa postura ética. Amir e Gottfried se reconhecem em suas semelhanças e distinções. Nesse sentido, corroboramos a opinião de Francisco Ortega (2004, p. 150), de que “a fraternidade suprime a distância dos homens”, “no fundo, uma forma de comunidade identificatória, na qual, na condição de irmãos, somos todos iguais”. Aliás, como bem aponta Amélia Valcárcel (2004, p. 38), “somente a ética resultante de uma

<sup>9</sup> Tradução própria. No original:

„Ich wünsche dir, dass du eine bekommst, Bruder Amir. Und möge Gott dich schützen und behüten.“

„Ich danke dir, mein Bruder. Und möge Gott, der Barmherzige, dir seinen Frieden schenken.“

<sup>10</sup> Tradução própria. No original: „Etwas Besseres als den Tod finden“.

idéia comum de justiça, esta grande invenção, pode nos ajudar a enfrentar o desafio do presente”. Em tempos sombrios, em que o diálogo é rejeitado e as visões de mundo extremadas imperam mundo afora, refletir sobre a necessidade do reconhecimento e da escuta do Outro torna-se fundamental, uma missão ética e responsável assumida por Michael Kleeberg no âmbito literário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Lúcia Collischonn de. *Sonatas em neve*: traduzindo a escrita exofônica de Yôko Tawada. Dissertação, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities*: reflections on the origin and spread of nationalism. New York: Verso, 1983.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre cultura e história da literatura. 7ª. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232. [obras escolhidas; v. 3]

BIRGFELD, Johannes; SCHÜTZ, Erhard. Zur Einführung. In: BIRGFELD, Johannes; SCHÜTZ, Erhard (orgs.). *Michael Kleeberg: eine Werksbegegnung*. München: Deutsche Verlags-Anstalt, 2014, p. 7-13.

BÓGUS, Lucia Maria Machado; SILVA, João Carlos Jarochinski. Fluxos migratórios contemporâneos: condicionantes políticos e perspectivas históricas. In: WOISCHNIK, Jan (org.). *Fluxo migratório e refugiados na atualidade*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2017, p. 27-44. [Relações Brasil-Europa; 7]

CIERCO, Teresa. Esclarecendo conceitos: refugiados, asilados políticos, imigrantes ilegais. In: WOISCHNIK, Jan (org.). *Fluxo migratório e refugiados na atualidade*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2017, p. 11-25. [Relações Brasil-Europa; 7]

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka*: por uma literatura menor. Trad. Julio Castañon Guimarães, Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ETTE, Ottmar. *EscreverEntreMundos*: literaturas sem morada fixa. Trad. Rosani Umbach [et al.], Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

GAMRADT, Saskia. ‘Literatur ist eine heilige Kunst, die begabt mit neuen Sinnen’. Michael Kleeberg erhält den Konrad-Adenauer-Literaturpreis 2016. Disponível em: <https://www.kas.de/pt/veranstaltungsberichte/detail/-/content/-literatur-ist-eine-heilige-kunst-die-begabt-mit-neuen-sinnen-1>. Acesso em: 13 nov. 2018.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *West-östlicher Divan*. 1819. Disponível em: <https://www.projekt->

[gutenberg.org/goethe/divan/divan.html](http://gutenberg.org/goethe/divan/divan.html). Acesso em: 13 nov. 2018.

HOBBSAWM, Eric. Introduction: Inventing Traditions. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 1-14.

KLEEGERG, Michael. Die Zeit und das, was sie aus uns macht. In: BRAUN, Michael; SCHMIDT, Susanna (orgs.). *Literaturpreis der Konrad-Adenauer-Stiftung 2016: Michael Kleeberg*. Sankt Augustin; Berlin: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2016, p. 77-90.

KLEEGERG, Michael. Gottfried und Amir. In: KLEEGERG, Michael. *Der Idiot des 21. Jahrhunderts: Ein Divan*. Berlin: Galiani-Berlin, 2014, p. 386-396.

KLEEGERG, Michael. *Der Idiot des 21. Jahrhunderts: Ein Divan*. Berlin: Galiani-Berlin, 2014.

LUQUINI, Roberto de Almeida. Os refugiados da guerra civil da Síria. In: WOISCHNIK, Jan (org.). *Fluxo migratório e refugiados na atualidade*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2017, p. 113-132. [Relações Brasil-Europa; 7]

MARINHO, Carolina. *Poéticas do maravilhoso no cinema e na literatura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ORTEGA, Francisco. Por uma ética e uma política da amizade. In: MIRANDA, Danilo Santos de (org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 145-156. [debates; 299]

ROSENFELD, Anatol. Kafka e kafkianos. In: ROSENFELD, A. *Texto/Contexto*. 4ª. ed., São Paulo: Perspectiva, 1985, p. 225-262.

VALCÁRCEL, Amélia. Ética, um valor fundamental. In: MIRANDA, Danilo Santos de (org.). *Ética e cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 17-18. [debates; 299]